



## Editorial

### *Migração e Diálogo Intercultural*

Migração e diálogo intercultural estão interligados, pois a facticidade de um impõe a necessidade do outro. Processos migratórios se desencadeiam ao longo da história com intensidades e motivações diversas e toda vez que a mobilidade humana cruza as fronteiras, a diversidade cultural é evidenciada e vivenciada. É na experiência da diversidade que o diálogo se torna necessário, caso contrário o “outro”, o diverso, se torna um inimigo a ser combatido e exorcizado.

As grandes religiões podem ser vistas como grandes escolas de humanidade exatamente por serem capazes de transformar a excentricidade do outro, de cultura diversa, em alguém que porta inerentemente algum elemento comum. Assim, as religiões têm potencial para transformar o outro — estranho, exótico, potencialmente repugnante — em alguém que carrega na sua própria existência alguma essência digna e passível de ser respeitada e admirada. É este potencial das religiões, de olhar para o diverso com respeito, que ajuda a construir bases para o diálogo intercultural.

Historicamente, infelizmente, determinados movimentos e lideranças religiosas cooptam para si a riqueza do patrimônio religioso e subvertem a lógica do diálogo, apregoando que a dignidade do outro só é reconhecida se este se submeter às regras de seus próprios movimentos e lideranças. A religião que tem potencial de lançar um olhar de acolhimento sobre o diferente é transformada em mecanismo de exclusão e negação dos que não se sujeitam a tais grupos que se apresentam hegemônicos. As religiões — escolas de humanidade — se transformam em hordas frenéticas e vorazes que consomem todos os que estejam fora de seu domínio macabro.

Assim, a Teologia se apresenta com uma função desafiante, senão paradoxal: reafirmar a religião como um fator de humanização das relações,

denunciando os movimentos religiosos que desumanizam; buscar elementos religiosos e teológicos que sirvam de referencial para o diálogo, rechaçando iniciativas concretas que pretendam impor unanimidade acrítica; fazer brilhar as iniciativas religiosas que quebram os muros e eliminam fronteiras, inibindo as perspectivas sectárias que dignificam exclusivamente seus próprios membros.

Estes são alguns dos desafios de uma teologia que pensa hoje a sociedade e que almeja delinear perspectivas éticas e humanitárias. Assim este número da Revista Pistis & Praxis — com o dossiê sobre *Migração e Diálogo Intercultural* — quer se somar a este esforço, que busca compreender o presente momento para poder pavimentar trilhas dialogantes que visem o respeito à dignidade de cada singular humano que habita nosso planeta, com a devida valorização de seu entorno e meio. Este número da revista acolhe as vozes que apresentam pistas para o diálogo e denunciam os entraves para a mútua cooperação humana.

Um primeiro artigo, a partir do neologismo de Adela Cortina — aporofobia — introduz a hospitalidade bíblica como alternativa às tendências que colocam os pobres da terra à margem da sociedade. Assim, frente ao grande movimento migratório atual, apresenta uma espiritualidade hospitaleira, compreendida como abertura, superação do sentimento aporóforo e de rejeição, escuta e aproximação de horizontes. O pobre é o “outro” que mais nos desafia, superar o medo do pobre é um dos desafios mais inquietantes da atualidade.

O Segundo artigo aborda a problemática do Tráfico Humano — uma realidade que escandaliza a todos — que persiste nos nossos dias com roupagem nova. A pesquisa aponta que o assunto vem sendo abordado nos documentos da Igreja Católica de modo crescente. Inicialmente, o assunto aparecia nos documentos do magistério como “comércio de mulheres” e aos poucos vai sendo explicitado e abordado com a urgência que o tema merece, apontado como um ataque à dignidade humana, crime, exploração, resultando em pobres condições de trabalho que afetam os mais pobres da terra, especialmente mulheres e crianças.

O terceiro artigo do dossiê objetiva refletir sobre a cultura da paz difundida pela Organização das Nações Unidas e o papel das mulheres no

enfrentamento de violências de gênero. É necessário situar adequadamente a violência contra a mulher na nossa sociedade, superando a cegueira social dos que a minimiza. O artigo indica que as mulheres podem contribuir na construção da cultura da paz na medida em que começam a questionar as violências de gênero, os sistemas excludentes, machistas, sexistas e, se dispõem a tecer novas relações sociais pautadas no diálogo, na comunicação não violenta, na construção de relações justas e equitativas.

Não raramente, o reconhecimento da diversidade cultural oculta a diversidade de nações no interior do Brasil, de modo que a riqueza cultural dos povos nativos é subvalorizada e muitas vezes silenciada. No quarto artigo do dossiê este tema vem à tona, sob impacto do recente Sínodo da Amazônia. O texto apresenta que a Igreja e sociedade tem o desafio de conhecer mais profundamente os povos originários e as comunidades tradicionais para uma ação efetiva e engajada de solidariedade profética aos Povos Indígenas e aos Povos da Floresta. Conhecer a cultura dos povos nativos é elemento indispensável para sua adequada valorização.

No artigo seguinte se aborda a problemática atual da migração em uma pesquisa realizada no campo da saúde, apontando para o acolhimento e solidariedade ao migrante. A situação é dramática, pois os atuais migrantes foram abandonados nos seus países de origem devido a guerras, perseguições políticas, étnicas, religiosas e pobreza. A solidariedade se faz necessária e a assistência em saúde será uma face concreta e significativa do acolhimento ao migrante. Isto implica em abertura do sistema a este serviço e apoio da sociedade que precisa partilhar com o estrangeiro um sistema de saúde já deficitário.

No último artigo deste dossiê, é apresentada uma proposta teológica que a partir de referencial específico intui uma discussão sobre uma Cristologia que desperta novos direcionamentos para o diálogo inter-religioso e intercultural. Cristologia esta elaborada no próprio contexto de diálogo inter-religioso com referência ao hinduísmo. Assim, pensa-se uma teologia — acolhendo novos referenciais — que possa ser promotora do tão desejado e necessário diálogo intercultural.

Como artigos de *fluxo contínuo* este número também traz valiosas contribuições do diálogo da teologia com outras narrativas, como o cinema e

a literatura. Um artigo analisa a relação entre futuro, tecnologia e relacionamentos, buscando entender os avanços e as limitações humanas como algo relevante para a Teologia Prática, como área teológica que emerge da prática para a prática da vida concreta de pessoas do presente.

Outros dois artigos aproximam o leitor das interfaces entre psicologia e religião. Um artigo explora especificamente estas relações, trazendo o pensamento desenvolvido ao longo dos tempos por autores e autoras interessados na temática, enquanto o outro artigo se propõe a discorrer sobre uma das muitas interfaces existentes na importante relação entre psicologia e teologia: o lugar de uma hermenêutica psicológica na leitura dos textos sagrados e práticas eclesiais de comunidades de fé cristãs.

Por fim, o último artigo analisa aspectos da reforma e atuação da Irmandade do Santíssimo Sacramento na cidade de Campinas, no período de 1847 a 1908. Pautada em documentação de natureza diversificada, objetiva compreender o papel desempenhado por esta instituição leiga, na confluência da Igreja institucional, da política e da religiosidade local. Deste modo, a nossa Revista apresenta aos leitores um número rico de contribuições em sintonia com o desenvolvimento das implicações ético-sociais da teologia.

MÁRIO ANTÔNIO SANCHES

WALDIR SOUZA